**3 de outubro de 2023**

Tradução. Texto original em italiano

**Lc 9,51-56: “Endureceu o seu rosto**

(Rese duro il suo volto)”.

Como fez o pastor exilado e queimado no deserto quando chamou Moisés da sarça ardente do monte Horeb (Ex 3,1ss), hoje também o Senhor Deus faz ouvir a sua Palavra a partir do coração da Eucaristia (Heb 12,18-24). À luz da entrega final de Jesus, esta palavra liberta também a sua força criadora para o hoje da Igreja, abre uma visão sábia. Também hoje para esta Assembleia, também nesta véspera. Ao mesmo tempo, o Evangelho “cresce” à medida que entra em cada consciência humana que o acolhe - mesmo nestes dias de retiro que estão a chegar ao fim.

O Evangelho proclamado hoje na celebração eucarística narra uma mudança radical: depois do ministério na Galileia com resultados controversos – a chamada “primavera galileia” –, Jesus toma a firme decisão da grande viagem para Jerusalém. A decisão gravada no seu rosto e a paciência mansa (Lc 9,51-55) e os discípulos são marcados por ela. Também nós nos abrimos a esse fogo, à sua luz, que é a mais generativa para o caminho sinodal.

Estamos no início da viagem decisiva, paradigma para o caminho de todos os discípulos. Já profetizado pelos inúmeros itinerários do povo de Deus incansavelmente chamado a sair para regressar ao Senhor (primeira leitura). Mas, neste sulco antigo, com a sua decisão de Filho amado e que ama, Jesus inaugura um estilo de caminho, nem mesmo hoje certo. Pede uma escuta incansável e profunda.

Jesus decide subir à cidade santa e o seu rosto torna-se duro como pedra. E Lucas dá um destaque central a esta decisão. A referência à direção da viagem permanece constantemente em segundo plano e estrutura a rica sequência dos encontros e ensinamentos de Jesus, pelo caminho. Começa o tempo de uma atenção privilegiada e itinerante para com os discípulos. Ele decide o caminho e manda os seus à frente (até agora eles seguiam-no, agora devem ir sozinhos). E esta parte diz-nos respeito de perto.

Rosto de pedra. Não é uma rigidez muscular, muito menos uma rigidez autocrática, mas um sinal da intensidade da paixão que o liga ao Pai desde a infância (Lc 2,49). Como o salto inicial de um atleta. Como um grande agonista, Jesus concentra-se no caminho que o aproxima agora da meta (Heb 12,1-3). Não sem a sua.

Caminho difícil para Jerusalém. De facto, aquela viagem sobre a qual Jesus procurou instruir os seus discípulos com os dois anúncios anteriores da sua paixão (Lc 9,22. 43-45), impõe condições muito rigorosas para chegar ao destino (24,36-52): o seguimento de Jesus nunca – em nenhuma das suas etapas – se acrescenta à vida de antes, mas exige escolher sempre de novo o “outro” caminho, seguindo os seus passos.

Imediatamente o caminho percorrido tropeça num obstáculo, numa aldeia de samaritanos, não por acaso; e imediatamente o obstáculo evidencia a persistente – embora fecunda – divergência entre Jesus e os discípulos.

“Queres que mandemos que desça fogo do céu e os consuma??” (9,54), dizem os mais zelosos Tiago e João. É a sua maneira de se comprometerem decididamente com a causa. Mas totalmente diferente é o sentido da dureza do rosto de Jesus. Imediatamente, desde a primeira fase, emerge a falta de sintonia entre Jesus e os seguidores (já antes, no segundo anúncio da paixão, tinha-se verificado pontualmente como um bloqueio na comunicação: 9,44-45). Eles seguem-no: mas não sabem para onde ele vai e – ainda – não querem o que ele quer. No entanto, seguem-no.

Uma variante textual insere aqui palavras inflamadas de Jesus para Tiago e João: “Não sabeis de que espírito sois. Pois o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (como dirá em Jericó, em Lc 19,10). Nesse momento, eles, debatendo-se com os seus próprios pensamentos, não compreendem. Mas mesmo assim seguem-no. Até que o Espírito, com o sopro do Ressuscitado, os invade (Jo 20,22).

A qualidade da conversão de mentalidade que o seguimento de Jesus pede é radical – anunciada pelo seu rosto virado para Jerusalém –, nunca dada como certa, nem mesmo entre os seus colaboradores mais próximos. É um processo imparável, entre acontecimentos, conduzido pelo Espírito. No caminho, há perdas sobre as quais não se pode parar. Um processo não isento de obstáculos e mal-entendidos, que o caminho sinodal também conhece. Este é também o significado da oração sinodal “Adsumus”, não? Nela a Igreja reconhece-se num estado de conversão permanente.

Na narração de Lucas, o encontro com os samaritanos dá o tom, e irradiam-se mil ressonâncias na história das comunidades cristãs, das primeiras e até hoje. Samaria, lugar dos encontros surpreendentes. À primeira vista, Jesus pôde acolher o testemunho da mulher samaritana (Jo 4,1-30,41-42). Agora rejeita-o. E é precisamente a partir desta rejeição (justaposta à rejeição dos seus na Galileia) que Jesus compreende qual figura o seu caminho para Jerusalém deve assumir. Uma espécie de inversão de estilo messiânico. Será mesmo uma inversão? Ou o cumprimento da antiga profecia? Pensemos no endurecimento do rosto de Jeremias, de Ezequiel. Surpreendentemente, acontecerá – após o martírio de Estêvão (Act 8,1) – que a Samaria será a primeira etapa do anúncio apostólico em saída (8,4-8). É o estilo do Evangelho, que Jesus desde o início procurou sugerir aos seus, e que quer imprimir hoje, O rosto marcado, esculpido, pelos lugares do coração, pelas rejeições e pela paixão do amor.

Assim começa aqui, em Lc 9,51, uma aventura de fé cujo estilo – celebrado na Eucaristia e interiorizado – toca até ao fundo este nosso caminho sinodal. A qualidade humana e cristã do pertencimento eclesial exige hoje – assim como já nos primórdios (1Jo 1,1; 2,24; 3,11) – um redimensionamento decisivo, um repensar radical da nossa postura na missão. Libertar o olhar de toda a impaciência e ativismo empresarial, de tantas exigências, de todo o ressentimento e espírito de retaliação. O rosto firme não se deve confundir com a determinação de avançar a qualquer custo no próprio projeto, mas inspira-se na paixão do desejo que nos atrai para a realização da vontade do Pai. Que é misericórdia incondicional. “E esta é a vontade daquele que me enviou: que eu não perca nenhum daqueles que ele me deu” (Jo 6, 39).

Com humildade e mansidão de coração está gravada a dureza daquele rosto, que a continuação da jornada revelará completamente. Sem pedra para colocar nossas cabeças, sem saídas de emergência. O que temos sinodalmente em comum aqui e hoje é – podemos dizê-lo? – o olhar fixo em Jesus, rosto humano do Deus fiel, a Pedra fundamental e a fonte jorrante no deserto. Olhar que reconfigura a visão dos outros, da história, do mundo. Esperança fundada.

Rev. Maria Grazia Angelini O.S.B.